



J. P. Borges Coelho Moçambique: passado e futuro em romance

Museu da Revolução é o título. Entrevista com o escritor e crítica de Agripina C. Vieira PÁGINAS 14 A 16



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

Peripécia, 18 anos
Bom teatro, a partir de uma
aldeia de Trás-os-Montes PÁGINA 25

Des-cobrir a Europa
Um livro com as memórias
dos "filhos do Império"
Texto de Paulo de Medeiros PÁGINAS 28 E 29

JOÃO BOTELHO

Um filme em forma de Alexandre O'Neill

Estreia a 12, intitula-se *Um filme em forma de assim*,
e é um "quase musical" a partir da obra do poeta.
Entrevista com o realizador, crítica, texto de Fernando
Cabral Martins e crónicas de O'Neill no **JL** PÁGINAS 7 A 12

CARLA FILIPE A(s) bandeira(s) da arte PÁGINA 22 E 23

Colunas e crónicas de Afonso Cruz, A. Mega Ferreira, António C. Cortez, Boaventura de Sousa Santos, C. Oliveira Santos, Gonçalo M. Tavares, G. d'Oliveira Martins, Helena Simões, M. L. Ribeiro Ferreira, Miguel Real, Valter Hugo Mãe e V. Soromenho-Marques

Des-cobrir a Europa

Objetos secretos

“Este livro pioneiro”, resultado de cinco anos de trabalho de investigadores do projeto MEMOIRS, “é de leitura tão obrigatória como dolorosa, já que os percursos de vida aqui expostos revelam não segredos, mas sim fantasmas hediondos que hoje nos continuam a assombrar porque não tivemos ainda a coragem, como sociedade, de os confrontar” – sublinha o autor desta análise, prof. da Universidade de Warwick, no Reino Unido, e que foi designadamente presidente da American Portuguese Studies Association

PAULO DE MEDEIROS



Há livros que são como a chave de um cofre cheio de segredos e este - *Des-cobrir a Europa: Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias* - é um deles. Em quase 350 páginas, os textos aqui reunidos por Margarida Calafate Ribeiro e Fátima da Cruz Rodrigues, provenientes de extensas entrevistas feitas por elas e outros investigadores a 37 homens e mulheres, todos com percursos individuais e distintos, mas todos, com um laço, mais ou menos invisível, mas indelével, com a condição de herdeiros do império. É uma herança muitas vezes negativa, feita dos estilhaços da dor de pais, avós, irmãos, de famílias profundamente marcadas pela perda, das várias ilusões, quer da razão de ser Império que a Europa arrojava para si, quer da possibilidade de um futuro diferente, livre e harmonioso; ou negativa pela perda de todas as suas posses nalguns casos, de vidas mesmo noutros. Herdeiros de memórias “desses tempos antigos que paradoxalmente contém uma história que não viveram, mas que os/nos define” (p. 21).

Este livro é de leitura tão obrigatória como dura, dolorosa mesmo, já que os percursos de vida aqui expostos, com uma candura incrível, revelam não propriamente segredos, mas sim fantasmas hediondos que hoje nos continuam a assombrar porque não tivemos ainda a coragem, como sociedade, de os confrontar. Livro pioneiro provém dos trabalhos realizados ao longo de cinco anos pelos investigadores do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, coordenado por Margarida Calafate Ribeiro e financiado pelo Conselho Europeu de Investigação.

Por um lado, *Des-cobrir a Europa* constitui a sua matriz, embora



Obra de Rodrigo Oliveira usada no projeto Memoirs **Corolário de Fenómenos (Na procura de um lugar)**

publicado já no final: não só por reunir muitas vozes de indivíduos e representar os pontos nevrálgicos do projeto, desde as questões da pós-memória na esteira da dissolução da ideia de Império em Portugal, na França e na Bélgica, até à imaginação de uma Europa pós-imperial, consciente da importância de assumir os vários traumas do seu passado, de modo a assim poder avançar para um futuro não só diferente como mais justo e mais livre.

Por outro lado, como as organizadoras expõem, as ‘entrevistas não foram apenas momentos de recolha de dados para um projeto. Foram momentos de coprodução de conhecimento e de consciencialização histórica nossa e do/a entrevistado/a sobre o sujeito social e político europeu que ele/ela constitui’ (p. 21). Longe de ser uma conclusão do projeto, o livro é muito mais o início de uma viagem de descoberta para todos os cidadãos da Europa, e não apenas para os que porventura tenham um passado que lhes permita uma maior, ou mais direta, identificação com as histórias aqui expostas. Porque o que aqui é dado a ver ao grande público - e o livro foi publicado em simultâneo em

França pela Imprensa Universitária de Nanterre - tem a ver com todos nós; porque o que está em causa mesmo é o futuro. Como Posfácio um breve conto de Paulo Faria, que pode ser lido como uma metonímia do livro em si, com a sua reflexão na apropriação de memórias e a sua transmissão através da arte.

UMA DAS CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES deste livro, assim como do projeto MEMOIRS, é a sua transnacionalidade. O que estas narrativas bem demonstram é como, embora haja diferenças significativas entre as experiências imperiais e as descolonizações de Portugal, da França e da Bélgica, as semelhanças são mais salientes. Ao mesmo tempo, e isso também é outra característica fundamental do livro, embora os cidadãos e cidadãs aqui representados partilhem toda uma série de elementos, traumas, exílio, perdas várias, também se diferenciam muito entre si, dos que são filhos de antigos combatentes pela independência dos países colonizados, aos cujos pais combateram pela manutenção da ordem colonial; dos descendentes de colonos em Angola ou Moçambique,

Longe de ser uma conclusão do projeto, o livro é muito mais o início de uma viagem de descoberta para todos os cidadãos da Europa, e não apenas para os que porventura tenham um passado que lhes permita uma maior, ou mais direta, identificação com as histórias aqui expostas

aos *pièds-noirs* e *harkis*, no caso da Argélia, ou mesmo, nalguns casos, a filhos de casais em que um dos lados da família combatera pelo Império e o outro lado pelo seu fim. Afinal, este também é um livro de fraturas; fraturas temporais, raciais, ideoló-

gicas que só podem ser superadas se reconhecidas.

Grande parte dos entrevistados tem uma participação ativa na vida cultural das suas sociedades. Muitos são artistas, escritores, educadores, ou, como no caso de Michel Guérin, jornalista e chefe de redação de *Le Monde*. Mesmo assim há diferenças entre eles também do ponto de vista social. Se alguns recordam uma vida de privações extremas, outros podem-se dizer verdadeiras imagens do privilégio. Por exemplo, o avô de uma das entrevistadas tinha sido governador de Angola até 1972. Nesse caso, as memórias só dificilmente poderiam ser semelhantes às de outra entrevistada cujos pais, de Cabo Verde e da Guiné, se tinham conhecido ‘em Lisboa à volta dos estudos e das lutas, ligados ao Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) (p. 269).

MAS ESTAS NARRATIVAS também nos deixam ver que longe de essas questões continuarem a constituir uma fratura e uma dicotomia ideológicas, há não só a possibilidade das presentes gerações questionarem as memórias que herdaram, como é o caso da neta do governador geral de Angola, como até, mais perto, ainda numa segunda geração, se pode ver uma mistura de atitudes e sentimentos em relação ao passado colonial. Para uma criança, o andar sem sapatos pode ser visto como uma experiência de liberdade (p. 257).

Uma das imagens mais belas evocadas neste livro é a de uma terceira língua, para além das faladas em casa e na escola, como diz a filha de um antigo combatente das Forças Armadas Francesas que nasceu já na Argélia: “E depois surge uma terceira língua, que para o olhar de uma criança parece totalmente louca, que é a língua da poesia. Um dia houve uma professora que, sobre o estrado escolar da sala de aulas, se pôs a declamar um poema. E isto pareceu-me totalmente louco, totalmente belo (...)” (p. 121).

FOTOGRAFIAS CONSTITUEM UM OBJETO privilegiado na pós-memória, já que a pós-memória frequentemente delas depende para a sua transmissão, especialmente depois do desaparecimento ou morte de

pais e outros familiares. Assim, as fotografias de família são aqui invariavelmente mencionadas. A relação de objetos com a memória tem sido analisada quer do ponto de vista dos estudos culturais, quer do ponto de vista neurológico e a materialidade destes 'objetos de memória' é sempre uma componente importante. Nestas narrativas, são mesmo objetos materiais que se afiguram da maior importância, embora de maneira discreta, com a possível exceção do 'teatro de objetos' da atriz e encenadora belga Agnès Limbos. Um objeto em especial é por ela destacado por 'representa[r] tudo: é um africano que é um criado (...) E este boneco caía muito, foi-se partindo e eu fui colando-o. Tem as marcas da cola" (p. 220).

SE ESTE OBJETO PODE representar tudo, isto é, toda a opressão colonial, o racismo, a destruição e fragmentação inerentes, o passado, também representa a sobrevivência, e a recomposição dos estilhaços num todo de novo, onde as 'marcas' da cola são indício mesmo do processo de memória e re-memória.

Mas há outros objetos igualmente significativos. Alguns objetos são relíquias verdadeiras como as mobílias em madeiras africanas ou as peças de arte tradicional trazidas numa tentativa de recriar uma vida que já deixara de existir mesmo ainda antes do regresso ou da fuga para a Europa, um território a que nunca mais seria possível aceder a não ser através da memória e dos afetos. Outros são verdadeiros 'objetos sagrados' (p. 334) que, como tal, não toleram deslocamentos. Outros ainda são eles mesmo a essência da herança familiar, como é o caso das chaves da casa na Argélia que os pais de uma das entrevistadas 'construíram e onde viveram muito pouco, e nós os seus filhos muito menos (...) Esse molho de chaves é o que deles resta, o que herdámos dos meus pais' (p. 291-292.). E depois também há os objetos, malditos e secretos, como nos diz Nathalie Borgers, cineasta nascida em Bruxelas e descendente de colonos no Congo e Ruanda: 'O meu pai tem um objeto secreto do meu avô, que sempre esteve escondido, algo que também sempre teve uma aura tremenda. O meu pai tem o chicote do meu avô' (p. 209).

É a des-coberta desses objetos secretos, das vidas e mortes que eles representam, da pertença e da recusa de pertença, das heranças tanto positivas como negativas, dos tabus, fetiches, segredos e silêncios, que este livro reconhece como imperativo para a construção de uma Europa pós-imperial. **JL**



► M. Calafate Ribeiro e F. Cruz Rodrigues
DES-COBRIR A EUROPA: FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
Afrontamento, 348 pp., 19 euros

Pelo caminho dos filósofos



A PAIXÃO DAS IDEIAS
Guilherme d'Oliveira Martins

Quando soube que o meu amigo Camilo Martins de Oliveira (1942-2022) tinha partido, veio-me à lembrança, imagem por imagem, a maravilhosa viagem que em 2010 fizemos ao Japão, sob a sua coordenação, acompanhados de José Tolentino Mendonça e de José de Guimarães. E fui rir do pequeno livro que escreveu, cheio de boas recordações, *Fomos em Busca do Japão* (Verbo, 2015). Partimos no rasto de Fernando Mendes Pinto, de Francisco Xavier e de Wenceslau de Moraes e ainda hoje sentimos

o peso de um conhecimento ancestral, já que os portugueses foram os primeiros europeus a ter contacto com o Japão, quando em 1543 três naufragaram em Tanegashima e deram a conhecer a primeira arma de fogo.

Conheci Camilo Martins de Oliveira, ao longo de quase 50 anos, como bom amigo e exemplar diplomata no campo económico. A primeira vez que nos encontramos foi em Bruxelas e com ele comecei a percorrer os corredores comunitários. O seu currículo já merece atenção. Como católico incondicionalista, foi em 1965 um dos subscritores do "Documento dos 101" contra a ditadura. Na Morais e em *O Tempo e o Modo* traduziu e publicou Teilhard de Chardin. Depois de ter estado na Guiné como alferes, veio trabalhar em 1969 com Regério Martins, então secretário de Estado da Indústria, tendo tido papel relevante no fim do condicionamento industrial e do protectionismo.

Depois seguiu-se um percurso notável no exterior: como delegado na OCDE, diretor da Missão Comercial em Bruxelas, perito em Missões das Nações Unidas, representante económico no Estados Unidos e depois em Tóquio (1987-2001), com funções no Japão, Coreia do Sul e Nova Zelândia, sendo ainda Comissário Geral de Portugal na Exposição Universal de Aichi (Japão).

Era um conversador extraordinário; num serão, começávamos por falar da história de um biombo Namban, continuávamos na reflexão sobre a arte contemporânea, muitas vezes com a presença discreta, mas agradávelíssima, do irmão Gaetan Martins de Oliveira; e terminávamos discretizando sobre a economia, a política internacional, a integração europeia, e ainda história ou filosofia, tantas vezes em diálogo com António Sousa Franco, grande amigo comum. Além do mais, era um leitor insaciável, imbatível no conhecimento da última novidade literária.

E VOLTO À LEMBRANÇA dessa viagem fantástica. Quando chegámos a Quioto sentimos a tradição japonesa, como sinal de um povo antigo, sereno, amável e hospitaleiro. No bairro de Gion, que conhecíamos das narrativas e descrições românticas, testemunhámos o desenho tradicional de uma antiga cidade nipónica. O movimento é intenso, os edifícios baixos e pequenos, em madeira, bem ordenados, assinalados com balões coloridos de papel iluminado e vemos gelshis em trajes de função. As ruas são estreitas e limpas, a ordem e a organização imperam. A cada passo, as pessoas saudam-nos com vénias, ora para nos convidarem

a entrar, ora para nos agradecerem se lhes demos primazia no burburinho dos passeios.

Era no Outono, uma das estações privilegiadas do Japão, e havia uma especial alegria e jovialidade no ar, mesmo que a noite já tivesse caído. Não havia humidade e a temperatura rondava os 13 graus. Ao passar pela zona dos teatros, recordámos a importância do Kabuki e a sua evolução. No restaurante Nishizaka, usufruímos a refeição de um delicioso shabu shabu, pequenas fatias de carne de vaca cozidas por nós em água a ferver, que Camilo Martins de Oliveira nos aconselhou, com aplauso geral. As árvores que rodeiam a cidade no Outono têm as folhas vermelhas ou amarelas. Wenceslau de Moraes (1854-1929), cujos textos nos acompanhavam, lembra que "as espécies europeias não oferecem igual maravilha em colorido".

Sentimos entusiasmo ao ver as grandes massas desta folhagem belíssima do "moinji". O Pavilhão de Prata, o Ginkaku-ji, literalmente apagava-se diante da natureza outonal japonesa. Era a memória do *Yūgūm Yūshūnaka*, no século XIV, que estava presente; a partir da recordação de seu avô Yoshimatsu, que num gesto de suprema audácia, cobriu de folha de ouro o Pavilhão Dourado, o surpreendente Kinkaku-ji, celebrado por Mishima...

O importante foi o envolver da natureza em toda a sua invisibilidade. O *moinji* todo domina, parecendo dizer que a natureza culta, domada pelo ser humano, é dominada pelas folhas escuras, como se fossem flores.

Deambulámos pelas veredas do jardim, contra-mos as suas pedras, deslumbrámos-nos com os mangos tratados, com as águas, com os lagos, com os jardins secos, com o salteio riscado ou a terra cuidadosamente penteada, a representar o mundo. Seguímos pelo caminho dos filósofos da via dos mestres. Um canal ladeado de corredeiras segue sinuoso pelo sopé das Montanhas Orientais e há muita gente que caminha, gozando a natureza, conversando, lendo ou simplesmente indo ao templo zen de Nanzen-ji. E recordámos Nishida Kitaro (1870-1945), professor da universidade de Quioto, que tornou este lugar obrigatório para a compreensão da cultura japonesa. Os tons vermelhos e amarelos das folhas do Outono inebriam-nos, o sol e o dia ameno contribuem para o nosso deleite.



Camilo Martins de Oliveira "Levou-nos para além da imaginação até ao limbo do encontro entre culturas e afetos"

É COM QUE ESMERO CAMILO nos indicava todos os pormentores. Em Naruse-ji aprendemos a lição "se mestre da tua mente". A colossal Santimón à entrada do recinto do templo demonstra estarmos num lugar essencial da cultura zen. O portão descomunal não tem um

prego, foi erguido no século XVII apenas com encaixes que põem à prova a habilidade e a inteligência humanas. Tudo para consolar as almas dos que morreram no cerco do Castelo de Osaka. Nos aposentos do Abade do Convento deparamos com o célebre "Tigre a beber água", obra-prima da pintura japonesa do século XVII, de Tanyu Kano, além de uma intervenção de Kobori Enshū, com selmas e pinheiros num impressionante jardim seco.

Na relação do tempo e do universo, sentimos o equilíbrio entre a arte e a natureza, nos jardins, nos selmas, nas representações, mas especialmente na cerimónia do chá, no templo de Kōtō-ji. Tudo exige o domínio do corpo e o respeito, da tranquilidade, da pureza e da harmonia e a cerimónia do chá é um gesto litúrgico, como ficou elementarizado por Wenceslau de Moraes no clássico *O Culto do Chá*. E Camilo Martins de Oliveira levou-nos para além da imaginação até ao limbo do encontro entre culturas e afetos, com as belas fotografias de José de Guimarães.

Tratou-se de uma peregrinação que correspondeu a um desafio, para que conhecêssemos melhor o Japão... E ficou a lembrança viva de que 'para o japonês, o que se procura, o que determina a entrega à contemplação, é o que não se vê. Olhar ou escutar - assistir a um concerto no Japão - é perceber como o silêncio é participante - torna-se, assim, mais do que um exercício de sentidos, uma extensão da alma. E é esse olhar ou escuta da alma que traz a obra de arte - cheia do mundo invisível e inaudível para o convívio quotidiano'. **JL**

Tratou-se de uma peregrinação que correspondeu a um desafio, para que conhecêssemos melhor o Japão... E ficou a lembrança viva de que 'para o japonês, o que se procura, o que determina a entrega à contemplação, é o que não se vê'